

Para a maioria dos analistas, é difícil explicar a vitória de Zedillo em um ano tão desfavorável para o PRI



De novo, o PRI

Mais uma vez, o PRI – que detém o recorde latino-americano de 65 anos no governo – ganhou as eleições presidenciais. O curioso é que o candidato do governo é um inexpressivo economista sem experiência política e que o governo atravessa a crise mais grave dos últimos anos



Roberto Bardini

Depois de sua vitória nas eleições de 21 de agosto passado, o presidente eleito Ernesto Zedillo Ponce, do Partido Revolucionário Institucional (PRI), conclamou seus adversários nas eleições a participar de um diálogo nacional para buscar uma plataforma comum de governo que permita construir um México “unido e em paz para o século XXI”. Se os cronogramas políticos não sofrerem alterações, quando Zedillo Ponce passar a faixa presidencial a seu sucessor em 2001, o PRI terá batido um recorde mundial: 72 anos no poder, mais tempo que o Partido Comunista na extinta União Soviética.

Desconfiança – “Dita dura perfeita”, como assegurou em 1992 o escritor peruano Mario Vargas Llosa? Ou “democracia imperfeita”, como rebateu seu colega mexicano Carlos Fuentes, um homem que apesar de pertencer ao *establishment* adota posições críticas?

CAPA

MÉXICO

A apenas 24 horas das eleições, o México — um país que desde 1929 instaurou um estilo eleitoral que não é excessivamente transparente — era o “império da desconfiança”, como definiu o enviado especial do jornal argentino *Clarín*. E isso apesar de terem sido as eleições mais fiscalizadas de toda a sua história. Pela primeira vez nos últimos 65 anos, cerca de 30 mil observadores nacionais e centenas de estrangeiros estiveram atentos ao desenrolar do pleito. O próprio presidente Carlos Salinas de Gortari reuniu nos últimos meses em pelo menos três oportunidades os governadores — a

maioria ligada ao governo — e disse que não toleraria irregularidades.

Segundo a contagem oficial, Zedillo Ponce obteve 51% dos votos. O conservador Partido Autêntico Nacional (PAN) obteve 26% e o Partido Revolucionário Democrático (PRD), de

centro-esquerda, atingiu 17%. O PRI também conseguiu uma cômoda maioria no Congresso. No Senado, terá 64 cadeiras contra 23 do PAN e 17 do PRD. Na Câmara dos Deputados, contará com 278 cadeiras (de um total de 500), contra 17 do PAN e apenas cinco do PRD. Além disso, 29 dos 31 governadores eleitos pertencem ao PRI.

A maioria dos observadores locais e estrangeiros admitiu a existência de irregularidades em várias mesas eleitorais, mas minimizou sua influência no resultado final. O Departamento de Estado norte-americano considerou cautelosamente que o pleito “parece ter se transcorrido de maneira ordenada e pacífica, apesar de algumas anormalidades”.

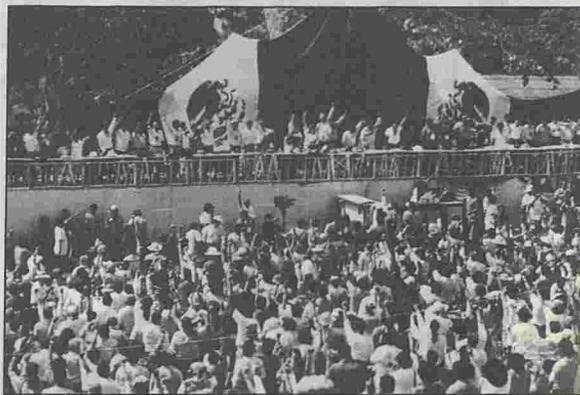
As suscetibilidades aumentaram quando a contagem demorou devido a um misterioso “vírus” que se instalou nos computadores do Instituto Federal Eleitoral (IFE). Este órgão — no qual a administração de Salinas investiu milhões de dólares — foi o único que divulgou os resultados parciais e os números definitivos. Embora estivesse supervisionado por uma comissão de 14 cidadãos independentes, as tarefas específicas do IFE se concentraram nas mãos da burocracia estatal, cuja lealdade — sincera ou forçada — é para com o PRI.

Dúvidas — O que uma boa parte dos analistas não explica é como Zedillo Ponce, um inexpressivo economista de 42 anos, sem antecedentes políticos nem carisma pessoal, indicado “a dedo” por Carlos Salinas de Gortari e com restrições dentro das próprias fileiras do PRI, pode ter ganho por uma margem tão grande com apenas cinco meses de campanha.

A situação do México desde que se iniciou 1994 não podia ser mais desfavorável para o partido governante. Em primeiro de janeiro eclodiu a revolta do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) no estado de Chiapas, o mais pobre do país. Pouco depois, em 23 de março, foi assassinado o candidato presidencial originalmente escolhido pelo PRI, Luis Donald Colosio, uma figura discutível mas com inegável experiência política.

Por outro lado, o país atravessa uma dura recessão que nem sequer o Tratado de Livre Comércio da América do Norte — em vigor desde princípios do ano — consegue reduzir. E, em geral, o governo enfrenta a crise de credibilidade mais grave dos últimos anos, pior inclusive que a de 1988, quando Salinas chegou ao poder depois de eleições não muito transparentes.

Uma coisa já é possível prever: um aumento da violência política no esquecido estado indígena de Chiapas. Lá, os números oficiais deram um duvidoso triunfo a Eduardo Robledo Rincón, candidato do PRI ao governo do estado, por 500 mil votos contra 250 mil do candidato do Partido Revolucionário Democrático. Esta duvidosa proporção de dois a um em uma região onde o PRI não tem o menor prestígio, não só exacerbou os ânimos do PRD e do Exército Zapatista de Libertação Nacional: já surgiu uma nova guerrilha, o Exército Insurgente Revolucionário do Sudeste (EIRS), que, embora busque diferenciar-se do EZLN, no geral compartilha os mesmos ideais e propósitos. ■



Reunião de zapatistas em Chiapas: o descontentamento volta a crescer



Ernesto Zedillo: uma incógnita